

Para uma espiritualidade do cotidiano

*Etienne A. Higuët**

RESUMO

Adotando uma noção de espiritualidade como vida da pessoa com sentido em todas as suas dimensões, estamos à procura de uma espiritualidade comunitária adequada à situação da humanidade na pós-modernidade individualista e fragmentada. Precisamos de um estado de espírito que possa manifestar-se na diversidade do prosaico cotidiano, resgatando os significados esquecidos ou obscurecidos no dia a dia e reconstituindo a unidade perdida da nossa existência. A noção de tradição viva desempenha aqui um papel central. Desenvolvemos a seguir algumas dimensões da espiritualidade comunitária proposta: alteridade e diferença, que incluem a diversidade cultural; transparência simbólica das pessoas e das coisas à transcendência que se revela na imanência; corporeidade do espírito, enfim, ilustrada pela dança e pela festa. Concluimos com o espírito da utopia que nasce da fome de pão e justiça e alimenta a luta pela criação de comunidades solidárias.

7

ABSTRACT

Adopting a notion of spirituality as the life of a person with sense in every dimension, we are searching a community spirituality made suitable to the humanity situation in the individualistic and fragmented post-modernity. We need an estate of spirit which could display in the in the day-by-day prosaic diversity, rescuing the forgotten or obscured meanings and rebuilding the lost unity in our existence. The notion of live tradition plays here a central function. After that we develop some dimensions of community spirituality: alternate and difference, what includes a cultural diversities; symbolic transparency of people and things, which reveal in the immanence; corporeity of the spirit which manifests itself by dancing and feast. We conclude with the spirit of utopia that bears from hungry of bread and justice and feeds the struggle for creation of sympathetic communities.

Posição do problema

O termo “espiritualidade”, de uso quase exclusivamente católico até uma época recente, chegou a fazer parte do vocabulário protestante, religioso em geral e até secular, no contexto da nova “onda espiritual” que alcança o mundo inteiro. Trata-se, ao mesmo tempo, de um grito de dor e da busca de uma nova profundidade, da procura de uma auto-compreensão diferente e de formas de comunidade mais inclusivas, menos rigidamente estruturadas e hierarquizadas. Podemos perceber em toda parte, não apenas no cristianismo, um esforço de reencontrar a transcendência em todo o seu mistério e toda a sua simplicidade.

Com o termo de “espiritualidade”, a teologia católica se referia ao movimento místico da alma para Deus e de Deus em direção da alma. A maior parte dos protestantes preferia piedade, devoção, santidade ou mesmo perfeição (John Wesley) para designar uma vida marcada pelo espírito de adoração e amor de Deus. O cristão é chamado a reviver a plenitude concreta da experiência cristã, a tornar-se uma pessoa “espiritual” (*pneumatikos*), que recebe a revelação pelo Espírito e possui a mente de Cristo, conforme a teologia paulina.

Aos poucos, o termo passou a descrever, no sentido antropológico, algo que é acessível a toda pessoa humana que tente viver uma vida humana plena. “Espiritualidade” significa agora a vida de fé por inteira e mesmo a vida da pessoa no seu conjunto, incluindo as dimensões corporais, psicológicas, sociais e políticas. Relaciona-se com a parte constitutiva da pessoa humana que está a procura de um sentido integral e de uma significação irrestrita para a sua vida particular e para a vida em geral. O núcleo espiritual é o centro mais profundo da pessoa: aí

** Natural da Bélgica. Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas na Universidade Católica de Louvain, com uma tese sobre a Escatologia na Teologia Sistemática de Paul Tillich. Vive no Brasil desde 1975. Professor de Teologia Sistemática no Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Presidente da Sociedade Paul Tillich do Brasil.*

ela se abre à dimensão transcendente e experimenta a realidade última. O sagrado autêntico provoca uma ruptura positiva, uma distância que, contudo, não afasta do cotidiano e das responsabilidades humanas. O verdadeiro sagrado encontra-se no coração do profano. Acreditando ou não em Deus, todos enfrentamos o enigma do existir, somos irmãs e irmãos em interrogação. A espiritualidade exige uma longa aprendizagem, é um trabalho de artista ou de artesão, que se aprende na escola da vida. A espiritualidade é a vida com sentido, ou em busca do sentido.

Podemos perceber que, se a origem da palavra “espiritualidade” é o “espírito”, este não é pensado em oposição ao corpo. Ao contrário, o espírito é a dimensão de sentido da própria existência corporal, princípio das funções práticas e teóricas da cultura, síntese do pensamento e do ser. Há uma tendência, atualmente, a centrar a espiritualidade no indivíduo. É o caso de todas as pessoas que procuram, fora das instituições religiosas tradicionais, um caminho de realização na nebulosa das religiões orientais, do esoterismo e da Nova Era. Contudo, muitos estão ressentindo a falta de uma identidade religiosa comunitária. É verdade que as comunidades “totalizadoras” (às vezes, totalitárias), abrangendo toda a existência humana, estão desaparecendo. Na sociedade rural tradicional, o mesmo grupo cumpria as funções familiares, educacionais, de solidariedade local, económicas, políticas, religiosas. Na vida urbana, cada um pertence a uma grande diversidade de grupos, recebendo e formulando a partir daí identidades múltiplas e superpostas, em constante recomposição. Nessa situação, precisamos de uma espiritualidade ou de um estado de espírito global, que possa especificar-se no plano local da vida cotidiana, nas participações efêmeras ou mais permanentes que caracterizam a nossa atuação social.

Uma boa proposta no atual mercado de idéias é constituída pela espiritualidade holística ou ecológica. Para Leonardo Boff, um de seus principais articuladores, “a espiritualidade é aquela

atitude pela qual o ser humano se sente ligado ao todo, percebe o fio condutor que liga e re-liga todas as coisas para formarem um cosmos.”¹ A espiritualidade é aquela atmosfera mais profunda, feita de visões, sonhos, utopias e valores inquestionáveis. É como a aura, sem a qual nenhuma estrela brilha. É uma “experiência de base omnienglobante com a qual se capta a totalidade das coisas exatamente como uma totalidade orgânica, carregada de significado e de valor. (...) Espiritualidade é aquela atitude que coloca a vida no centro, que defende e promove a vida contra todos os mecanismos de diminuição, de estancamento e de morte. (...) A espiritualidade parte não do poder, nem da acumulação, nem do interesse, nem da razão instrumental. Arranca da razão emocional, sacramental e simbólica; nasce da gratuidade do mundo, da relação inclusiva, da comoção profunda, do sentido de comunhão que todas as coisas guardam entre si, da percepção do grande organismo cósmico, pervadido de acenos e sinais de uma Realidade mais alta e última”² “Espiritualidade significa toda a orientação que encontra sua centralidade na realidade-vida, tomada em seu sentido mais amplo e globalizador possível como é o espírito no universo. É uma expressão de espiritualidade a dignificação de toda a vida, sua promoção e defesa, a partir daquelas vidas mais originárias e daquelas mais ameaçadas (...); é também expressão de espiritualidade o esforço por manter todos os sistemas abertos e potenciar todo tipo de relacionamento e comunhão, donde nascem os processos de comunicação, comunhão e as comunidades.”³ “A espiritualidade tem a ver com sentir Deus numa experiência globalizadora e menos com o pensar Deus. (...) Espiritualidade constitui o espaço da liberdade interior, da vivência pessoalíssima do Sagrado,(...) é o campo, por

¹ BOFF, L. *Ethos mundial – Um consenso mínimo entre os humanos*, Brasília, Letraviva, 2000, p.129.

² BOFF, L. *Ética da vida*, Brasília, Letraviva, 2000, p.130-131.

³ BOFF, L. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*, São Paulo, Ática, 1995, p. 291

excelência, da criatividade.”⁴ Em resumo, precisamos construir uma ecologia do espaço e do tempo.

Vamos desenvolver isso com alguns exemplos do cotidiano, entre tantos possíveis, partindo tanto das comunidades “naturais” ou de nascença, quanto de grupos mais voluntários. Em primeiro lugar, a família de origem e a família atual, inseridas numa comunidade cultural mais ampla. É o lugar da socialização e da iniciação religiosa. Cada um recebe aqui um patrimônio de sentido que carrega séculos senão milênios de tradição. Com o passar do tempo, os vínculos tendem a se afrouxar. A comunidade cultural brasileira está sendo invadida pela cultura globalizada: não poderíamos cultivar a relação com a nossa cultura a procura de significados perdidos ou esquecidos, na riqueza – pelo menos tríplice: européia, negra, indígena – das raízes culturais da convivência social, das artes, das religiões, da culinária, dos esportes etc? Na família, cada um vive cada vez mais isolado: vamos pensar num momento cotidiano, mesmo breve para o encontro de todos. Vamos reatar com os primos e as tias que perdemos de vista, vamos rever os álbuns de fotografias...

Na cidade, vivemos na vizinhança, no trânsito, na participação cidadã. Podemos tentar conhecer melhor alguns dos nossos vizinhos, compartilhar alguma alegria e algum sofrimento. No trânsito, em vez de xingar todo mundo nos engarrafamentos, podemos olhar com maior atenção algumas pessoas, nos veículos ou nas calçadas, imaginar sua vida, seus problemas, suas esperanças, colocar-nos na pele delas, comungar em espírito. Podemos nos abrir à presença de Deus no meio da agitação. Como cidadãos, podemos trazer a nossa contribuição para melhorar a saúde, a educação, a moradia, o transporte, a limpeza, a segurança...ou, pelo menos, uma dessas coisas. Uma dica sempre útil: exercer a paciência, aceitar a lentidão, não atropelar todo mundo para chegar na frente. Mentalizar tudo isso nas longas

Id., *ibid.*, p. 295.

filas de espera, respirar profundamente, relaxar a tensão, esquecer o estresse. Preservar também o espaço de todos: mulher ou homem, criança ou idoso, executivo ou mendigo, gari ou vendedor ambulante, motorista de ônibus ou “motoqueiro”... sem esquecer-se do verde.

No trabalho, vamos valorizar os momentos de encontro nos intervalos, vamos trabalhar em equipe e comemorar os sucessos do grupo, compartilhar as dificuldades de cada um (pelo menos os mais próximos). Numa instituição confessional de ensino, como a escola onde trabalho, há muitas celebrações formais, acadêmicas e religiosas. Houve um grande esforço, nos últimos anos, para “de-formaliza-las”. A espiritualidade nos incita a privilegiar o informal e a tolerar com paciência e longanimidade os resíduos indestrutíveis da institucionalidade burocrática. Na comunidade científica e teológica, trata-se de desfrutar o prazer da pesquisa, a euforia da descoberta, a comunhão dos contatos profundos, a alegria da cooperação na busca e na transmissão do conhecimento. As atitudes metodológicas devem priorizar a atenção ao cotidiano, a humildade frente à experiência das pessoas. Trata-se também de resistir à acumulação improdutiva das reuniões e das tarefas.

Na comunidade eclesial, paróquia ou congregação, por mais frouxa que seja a nossa pertença e por mais enfadonhas que sejam as atividades “comunitárias”, como o culto dominical, as festas juninas, os bingos ou chás beneficentes, havemos de resgatar a grande tradição espiritual comunitária que vai de Moisés a Jesus, dos monges orientais à teologia feminista, de Tomás de Aquino a Barth e Tillich, sem esquecer as chamadas “heresias”, sabendo que cada um é sempre um pouco o herege do outro. Ninguém sobrevive sem ser nutrido pelas raízes da tradição. Havemos de resgatar a nossa própria tradição “denominacional”, por mais ultrapassada ou esclerosada que possa nos parecer. Podemos deixar de nos identificar com os pronunciamentos doutrinários ou morais do Magistério. A tradição continua, mesmo assim, sendo uma fonte inesgotável de novas descobertas e um

terreno fértil para o surgimento de novas formas de espiritualidade comunitária. Com as formas que não nos agradam, podemos dialogar e coexistir o mais pacificamente possível. Trata-se, sobretudo, de nos abrir à grande comunidade ecumênica e macro-ecumênica (que abrange todas as religiões e as buscas do sentido radical).

Algumas características ou dimensões fundamentais de uma espiritualidade comunitária para o nosso tempo

Uma espiritualidade da alteridade e da diferença

Como vimos, espiritualidade vem de “espírito”. “O Espírito é criador de diferenças e complexidades... A multiplicidade dos seres, a biodiversidade, a diversidade das energias construtoras do universo remetem à diversificada atuação do Espírito que aprecia a diferença. Na comunidade humana doa a diversidade de talentos e na comunidade cristã, como atesta São Paulo (ICor 12, 7-11), se faz presente pelos muitos carismas.(...) A diversidade e a diferença são para permitir a comunhão e a unidade, fruto da abertura e entrega de todos para todos.”⁵

Ninguém tem o monopólio do Espírito. A comunidade espiritual ou igreja não se identifica com as instituições que a encarnam. Assim fala a Escritura:

Iahweh desceu na Nuvem. Falou a Moisés e tomou do Espírito que repousava sobre ele e o colocou nos setenta anciãos. Quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram; porém, nunca mais o fizeram. Dois homens haviam permanecido no acampamento: um deles se chamava Eldad e o outro Medad. O Espírito repousou sobre eles; ainda que não tivessem vindo à Tenda, estavam entre os inscritos. Puseram-se a profetizar no acampamento. Um jovem correu e foi anunciar a Moisés: ‘Eis que Eldad e Medad’, disse ele, ‘estão profetizando no acampamento’. Josué, filho de Nun, que desde a sua juventude servia

⁵ Id, *ibid.*, p. 257.

a Moisés, tomou a palavra e disse: ‘Moisés, meu senhor, profíbe-os!’
Respondeu-lhe Moisés: ‘Estás ciumento por minha causa? Oxalá todo o povo de Iahweh fosse profeta, dando-lhe Iahweh o sue Espírito!’
(Nm 11,26-29).

Disse-lhe João: ‘Mestre, vimos alguém que não nos segue, expulsando demónios em teu nome, e o impedimos porque não nos seguia’. Jesus, porém, disse: ‘Não o impeçais, pois não há ninguém que faça um milagre em meu nome e logo depois possa falar mal de mim. Porque quem não é contra nós é por nós’ (Mc 9, 38-40).

Nenhuma cultura contém em si mesma a totalidade das criações do espírito. Daí a necessidade de uma espiritualidade da diversidade cultural. Precisamos preservar as criações autênticas da nossa cultura, aquelas que dignificam o ser humano - inclusive no plano religioso – contra a invasão destruidora da cultura globalizante. No Brasil, essa espiritualidade será necessariamente sincrética, mestiça. Será também uma espiritualidade de resistência: às identidades impostas e redutoras das diferenças; à comercialização e folclorização da cultura e da religiosidade popular (vende-se artesanato para comprar coca-cola); à expansão geométrica da competição económica, da superexploração do trabalho e da consequente exclusão. A arte popular é muitas vezes uma arte de resistência do corpo, como a capoeira e as figuras do Aleijadinho, com o resgate do sofrimento induzido pelo trabalho escravo. A mesma coisa poderia ser dita da música, da dança... e do pagamento de promessas. A espiritualidade do trabalho promove a criatividade, livre das exigências da “qualidade total”, e preconiza até a lentidão e a preguiça, como formas de resistência às pressões insuportáveis do processo produtivo voltado para o mercado. O fenómeno da exclusão social exige uma espiritualidade dos isolados ou sem-comunidade: idosos, doentes, mendigos, sofrendores de rua.

Uma espiritualidade da transparência

É uma consequência da diferença: “ Deus e o mundo são diferentes... mas estão abertos um ao outro. Encontram-se sempre mutuamente implicados. Se são diferentes é para poderem se comunicar e estarem unidos pela comunhão e mútua presença. Por causa desta mútua presença, supera-se a simples transcendência e a pura imanência. Surge uma categoria intermediária, a transparência, que é exatamente a presença da transcendência dentro da imanência. (...) Deus e o mundo são,

P t t⁶ o m
“O sagrado não está nos objetos, no altar, na eucaristia, no livro sagrado ou em pessoas consagradas. O sagrado é a profundidade de cada pessoa humana. É a misteriosidade de cada ser da criação.”⁷ “A transparência é categoria tipicamente cristã, que vem do mistério da encarnação. Deus habita numa luz inacessível, portanto, transcendente. Ele se acerca e entra no mundo imanente, no mundo da nossa cotidianidade, das nossas relações imediatas, experimentais. Fez-se, de distante, próximo.”⁸ Pela encarnação, “nossa realidade de mundo, de história, de cosmos, tocada pela divindade, ficou transparente, sacramental. Vendo esse mundo, detectamos Deus dentro dele. É através do mundo, com o mundo, que captamos Deus. Captar é fazer a experiência originária de Deus em todas as dimensões da vida (...), em cada situação, andando na rua, respirando o ar poluído, alegrando-me, tomando cerveja, empenhando-me num compromisso na favela, procurando entender algum texto que esteja estudando. Isso é experimentar Deus em todas as coisas, pois Ele vem misturado com tudo isso, mergulha nisso tudo. (...)

⁶ Id., *ibid.*, p. 236.

⁷ BOFF, L. & BETO, F. *Mística e espiritualidade*, Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 67.

⁸ Id., *ibid.*, p. 70.

é procurar sempre ver o que está por trás de cada coisa, o que a constitui e sustenta. Não ficar preso às coisas, mas fazer delas símbolos, sinais, sacramentos, imagens. Para a pessoa que faz essa experiência de Deus, o mundo é uma grande mensagem.⁹

Do mesmo modo, no seu projeto de elaborar uma Teologia da Cultura, Paul Tillich pretendia praticar uma leitura hermenêutica ou “espíritual” das culturas, na intenção de manifestar a sua dimensão de profundidade, o seu sentido radical ou sua preocupação suprema. Tratava-se de discernir e contemplar a substância religiosa que dá sentido a todas as culturas, de apreender o Incondicionado na transparência das formas culturais simbólicas, sejam elas religiosas ou profanas.¹⁰

Uma espiritualidade do corpo e do relacionamento entre humanos-corpos.

O ser humano-corpo é a pessoa humana, o conjunto das relações: técnicas, sexuais, intersubjetivas, sociais, estéticas, religiosas. Envolve todos os sentidos, gestos e emoções, como por exemplo: olhar, escutar, tocar, comer, beber, sentir e contemplar a beleza, abraçar, beijar, apertar a mão, carregar a criança no colo, brincar, rezar, conversar, celebrar, festejar, dançar, cuidar da saúde, encontrar e cuidar do outro, do meio ambiente etc. O humano-espírito é o sentido profundo do humano-corpo. Expressa a relação com a transcendência ou alteridade radical, com a realidade última. O corpo humano pode exprimir a transcendência no âmbito do cotidiano, porque só ele é capaz de simbolizar e de produzir símbolos, isto é, uma presença que contém em si a ausência. “O que caracteriza o ser humano (na plenitude da sua corporalidade) é a capacidade que ele tem de simbolizar a partir de seu próprio aparecimento no presente”.¹¹

⁹ Id., *ibid.*, p. 71.

¹⁰ Cf. TILLICH, P. *La dimension religieuse de la culture*. Trad. e Introd. Jean Richard. Paris/Genève/Québec, Le Cerf/Labor et Fides/Laval, 1990.

¹¹ MARASCHIN, J. *O simbólico e o cotidiano*. In: VV.AA. *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*, São Paulo, Paulinas, 1984, p. 124.

“Na expressão simbólica, o corpo manifesta-se como espírito”.¹²

Humanos-corpos, somos encarregados da apreensão do simbólico no cotidiano. “Nós nos contemplamos no cotidiano com o desejo de decifrar os símbolos que somos e com os quais vivemos. (...) O corpo (o eu-corpo) é o horizonte da vida. Não existe nada fora desse horizonte. E por isso que Deus se fez carne para existir. Deus sem corpo não existe.”¹³

Vamos explicitar a seguir algumas dimensões de uma espiritualidade comunitária do corpo.

Gostaríamos de começar com a **dança**. Na simbologia religiosa, o mundo é o resultado de uma dança cósmica divina: “A dança de Shiva Nataraja do hinduismo quer representar o mistério do universo que é uma dança entre criação, preservação, destruição, descanso e redenção.”¹⁴ Na igreja antiga, a dança celeste aparece como metáfora da criação de Deus. Assim Gregório de Nissa: “Havia um tempo em que cada criatura dotada do logos formava um único corpo de baile, olhando para cima, para o dançarino principal do corpo de baile. E na harmonia daquela energia que tudo movimenta segundo sua própria lei, provindo do dançarino principal e contagiando a todos, eles executam as suas rodas.”¹⁵ Diz Leonardo Boff: “Na dança o que conta são os dançantes. Entre eles há harmonia de movimentos ao ritmo da música. Há criatividade nos passos e na *mise-en-scène* de toda a coreografia. Nada é rígido mas solto e aberto a muitas variações. E contudo a dança não é confusão de sons e passos, de corpos e movimentos. É harmonia cósmica e cosmética. Como em nenhuma outra arte humana é na dança que o espírito ganha corpo e que o corpo ganha espírito.”¹⁶

¹² Id., *ibid.*, p. 126.

¹³ Id., *ibid.*, p. 128.

¹⁴ BOFF, L. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*. Op. cit., p. 301.

¹⁵ Apud BOFF, L., *ibid.*

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 300.

Para Paul Tillich, a dança significava a força de expressão do corpo humano em movimento, a configuração do espaço pelos dançarinos, o ritmo transposto em movimento visível, com a paixão sempre perceptível como pano de fundo. Era um novo encontro com a realidade nas suas camadas mais profundas. A dança despertava a pergunta não respondida de saber como a unidade perdida do culto e da dança em solo protestante poderia ser reconquistada. A sua caracterização como “mal” encontrava a sua raiz na desvalorização do corpo humano e de suas forças expressivas e criativas. O espetáculo de balé mostra a capacidade de criar comunitariamente, superando a atomização das estruturas e comunidades vitais que caracteriza a nossa situação espiritual e social. No balé contemporâneo, a configuração do espaço pela dança não é mais centralizada, não se usam formas geométricas, mas linhas orgânicas em movimento. Os movimentos isolados estão a serviço do conjunto, numa dinâmica de *crescendo* que alcança a unidade total.¹⁷

A dança popular preserva muitas vezes suas raízes religiosas e simbólicas: No congo, no maracatú, na dança de São Gonçalo, na Festa do Divino, na Folia de Reis. A espiritualidade comunitária está presente nos desfiles de carnaval, na criatividade dos passistas e na busca da harmonia na diversidade. Ainda vive nos grupos que se reúnem para dançar o samba e o pagode e até o rock e o fúlk, ou nas turmas que gostam de ouvir música ritmada pelos tambores: bandas *gospel* ou olodúm. No Brasil, a cultura popular expressa-se de preferência pelo ritmo. “Ao sentirmos o corpo sentimo-lo como ritmo. (...) É provável que o samba seja a forma artística mais adequada ao ritual de uma fé cristã voltada para a libertação do corpo e na direção da fruição da vida. (...) A dança expressa a predileção pela vida.”¹⁸

A dança é um elemento da festa religiosa ou profana, onde a espiritualidade do cotidiano encontra as suas raízes e seu sentido. As nossas igrejas perderam o sentido da festa, em particular do Domingo, festa da Ressurreição. Festa significa vida nova. A primeira festa que encontramos na Bíblia é o Shabbat, a festa de Deus e da criação. É a presença da eternidade no tempo e a prova do mundo vindouro. As pessoas santificam este dia através da alegria de estarem existindo como criaturas de Deus em meio a uma comunhão de criação. Deus está no descanso e no silêncio do Sábado. “Pelo fato do Sábado da criação ser o Sábado *de Deus* e no seu descanso sua eterna glória se tomar presente, todo Sábado humano se toma um ‘sonho da plenitude’ (Fr. Rosenzweig) e o descansar das pessoas das suas obras humanas se torna uma antecipação da eterna festa da glória divina”.¹⁹ Abençoando o Sábado, Deus não abençoou nenhum ser vivo, mas um tempo. No descanso de Deus, todas as criaturas chegam ao seu próprio descanso. O Sábado é também o tempo universal santificado, aberto a todas as criaturas. É a memória subversiva da liberdade e o sinal da liberdade vindoura. “Festejar o Sábado leva a uma maior capacidade de perceber a beleza das coisas, a comida, a vestimenta, o corpo e a alma, porque a própria existência é algo glorioso. Face à beleza de todas as criaturas, que se encontram em si mesmas, devem ser esquecidas as perguntas pelas possibilidades do agir e pelo proveito que possa trazer”.²⁰ No “eterno Sábado”, via-se a redenção de todo o cosmos e da presença revelada de Deus. O tempo ou Sábado messiânico trará a libertação dos oprimidos e a justiça de Deus em todas as coisas, trará a liberdade para a terra e possibilitará a alimentação justa de todos os seres vivos. O Sábado messiânico será um Sábado sem fim. Para Moltmann, o dia festivo cristão deve ser visto como a expansão messiânica do Sábado de Israel. Como “dia do Senhor

¹⁷ TILLICH, P. *Gesammelte Werke*, vol. XIII, 134.

¹⁸ MARASCHIN, J. *Ibid.*, p. 138-139.

¹⁹ MOLTSMANN, J. *Deus na criação – Doutrina ecológica da criação*. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 399.

²⁰ *Id. ibid.*, p. 406.

ressuscitado”, o Domingo antecipa o descanso sabático do final dos tempos como também o início da “nova criação”.²¹ Deveríamos valorizar cada Domingo ou fim de semana como o *dia de descanso ecológico*. As cidades ficariam sem o barulho e a fumaça dos carros, cuidando da saúde da natureza e dos seres humanos. Já algumas ruas e praças ficam liberadas para o lazer. As feiras de todo tipo, com atrações circenses, música, comes e bebes se multiplicam. A animação está chegando aos parques. O carnaval foi confinado, mas os blocos voltam às ruas. Pode-se fazer muito mais. Tudo isso cria e recria comunidade. Em casa, o almoço do Domingo é de novo uma festa. Não precisa muita coisa para que a casa ganhe uma aparência festiva, não só em dia de aniversário. O culto dominical tornou-se uma atividade sonolenta que afugenta os fiéis. Isso também está mudando. Mesmo nas igrejas a dança, a cor, o movimento, a expressão corporal e novos tipos de música dramatizam a volta da celebração. Há muito que aprender dos pentecostais e dos cultos afros para que a liturgia reencontre a vida. É algo que o Padre Marcelo Rossi entendeu bem. A fé é também uma atividade lúdica, a religião um lugar de fantasia e utopia. O cristianismo possui uma dimensão cómica, onde a dança e o riso têm cadeira cativa. Não se diz que o riso é a derradeira arma da esperança? Em dias de festa deixamos de lado o trabalho e nos entregamos a usanças e momentos tradicionais do convívio humano, sem o que a vida não seria humana. Cantos, ritos e visões ligam o ser humano a seu contexto histórico e cósmico. Sem desfrutar ocasiões autenticamente festivas e sem cultivar sua fantasia, o espírito e a psique do ser humano se encolhem. Em “*A festa dos foliões*”, Harvey Cox afirma que, com o desaparecimento da festa snedieval do mesmo nome, quando se parodiava a Corte e a Igreja, entrou em declínio, na nossa civilização, a capacidade para a festividade e a fantasia. Parece que, na sociedade globalizada, os nossos dias de festa perderam sua vitalidade. As festas religiosas

²¹ Id., *ibid.*, p. 417.

e cívicas tradicionais são marcadas pelo tédio. Até o Natal e a Páscoa perderam o seu encanto. A fortiori feriados nacionais como Tiradentes, o dia da Pátria ou a Proclamação da República. Contudo, as coisas estariam mudando atualmente. A nossa época estaria redescobrimo a própria festa em si, sugerindo que o trabalho, de tão rendoso que seja, não representa a meta final da vida, mas deve contribuir para a realização da pessoa humana. Numa sociedade orientada para o sucesso e o dinheiro, há mister que renasçam festividades francamente improdutivas e celebrações expressivas.²²

Comida e bebida fartas são componentes imprescindíveis de toda festa do ser humano-corpo. É por isso que as festas paroquiais típicas (italianas, mineiras, caipiras...) fazem tanto sucesso. Quem dispensa uma boa festa junina? A fartura é promessa onipresente na Bíblia, e não só para os tempos escatológicos. A reunião da comunidade sempre se faz na ocasião de uma refeição fraterna. Cada refeição poderia se transformar numa festa, longe dos *Fast Food* e outros *MacDonald*. A comunidade se forma em tomo de um churrasco ou de uma feijoada. Há grupos de apreciadores de vinho, de cerveja, de queijo... A espiritualidade do comer e beber ensina moderação e uma alimentação balanceada. Mas não proíbe apreciar cada pedaço de comida e cada gole de bebida. Por outro lado, quem passa fome está sendo excluído da festa, como já dizia Paulo em ICor 11. É por isso que, para os profetas e para o próprio Jesus, o verdadeiro jejum era fazer justiça, isto é convidar a todos a entrar na folia. A fome de pão – que se identifica com a fome de justiça – torna-se assim uma pulsão fundamental de transformação social e política, fonte de utopias e fermento de solidariedade na “comunidade das vítimas.”²³

²² Cf. COX, H. *A festa dos foliões – Um ensaio teológico sobre festividade e fantasia*. Petrópolis, Vozes, 1974.

²³ DUSSEL, E. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*, Petrópolis, Vozes, 2000, p. 459; inspirando-se em BLOCH, E. *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt, Suhrkamp, 1959, vol. 1, p. 84.

Apesar da sua conhecida ambiguidade, as grandes festas do esporte, como jogos de futebol em tempos de copa, são as expressões mais espetaculares do cuidado com o bem-estar e a saúde do corpo. As grandes torcidas são comunidades de participação, solidariedade, comunhão, emoção. Os jogos olímpicos são grandes celebrações repletas de beleza e de cores. Não poderiam ser a semente de uma comunidade mundial? Superar o fanatismo, a violência, a corrupção, a superexploração dos atletas e o doping no esporte – consequências da competição e da comercialização levadas ao paroxismo - é condição da volta à verdadeira festa popular. A prática do esporte – pode ser uma simples caminhada – cria também comunidades menores, como daqueles que se encontram diariamente para fazer cooper ou tai-chi-chuan. Aliás, os orientais sabem melhor que nós que todo esporte contém uma dimensão espiritual. A ioga já faz parte da grande constelação espiritual urbana moderna e pós-moderna.

Conclusão

A espiritualidade do ser humano-corpo é uma grande criadora de sonhos, utopias e esperanças. É a espiritualidade que mantém aceso o fogo das utopias e volta a mobilizar as multidões famintas. Passamos, nos últimos anos, de uma utopia da libertação revolucionária para uma utopia mais realista e mais respeitadora da humanidade vivida no cotidiano: a utopia de uma sociedade onde caibam todos ou a utopia da cidadania para todos. A utopia de uma sociedade onde o carrasco não prevaleça, onde não haja nem repressão do corpo nem crucificação dos corpos das vítimas. Ela inclui a luta do pobre, do oprimido e do excluído pela sobrevivência, pela preservação da própria cultura e do meio ambiente natural, pelo acesso à informação, à comunicação, à educação, à participação política. O espírito da utopia que nasce da fome de pão e de justiça alimenta a crítica de toda forma de dominação e exclusão, desperta a consciência da responsabilidade de subverter as estruturas injustas e inspira a luta pela criação de comunidades verdadeiramente solidárias.

Contudo, não tenhamos pressa em realizar a utopia. Uma utopia realizada só provoca frustração. É que, para realizar a utopia – na ciência, na política, na religião – precisamos empobrecer a multiplicidade de sentido dos símbolos da utopia, tomando-os unívocos. Voltamos, assim, à ecologia do tempo: “que fazer para apreender o símbolo no cotidiano se cada vez andamos mais depressa? Para se apreender o símbolo no cotidiano precisamos andar mais devagar.”²⁴ *m*

páginas 07-23

²⁴ MARASCHIN, J. *Ibid.*, p. 126.